

UM OLHAR SOBRE O ESTUDO DA CIDADE BRASILEIRA NO SÉCULO XIX ATRAVÉS DOS ANAIS DO SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DA CIDADE E DO URBANISMO (1990 – 2024)

EIXO TEMÁTICO 02: Processos de Produção do Espaço Urbano

MOURA FILHA, Maria Berthilde

Doutora; Universidade Federal da Paraíba
berthilde_ufpb@yahoo.com.br

SILVA, Francisco Allyson Barbosa

Doutorando; Universidade Federal da Paraíba
allysonfbs@gmail.com

CRISPIM, João de Oliveira

Mestrando; Universidade Federal da Paraíba
joaodeoliveiracrispim@gmail.com

RESUMO

A história da cidade no Brasil e o recorte temporal do século XIX são os pontos chave que norteiam o presente artigo, cuja origem foi um exercício acadêmico realizado no âmbito da disciplina “História e Historiografia da Cidade Brasileira” que integra o Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Paraíba (PPGAU-UFPB). Tal exercício tem por proposta realizar uma análise historiográfica da produção do Seminário de História da Cidade e do Urbanismo - SHCU, entre 1990 e 2024. Como desdobramento, foi elaborado o presente estudo que tem por objetivo verificar em que medida o século XIX foi abordado entre os artigos que integram os anais do SHCU, considerando uma prévia identificação de lacunas no olhar sobre a cidade brasileira nesse recorte cronológico. E, além disso, entender como o século XIX foi trabalhado, observando questões postas pelo estudo da história como: continuidade histórica, causa e mudança, unidade histórica, limites e recortes.

Palavras-chave: historiografia; história da cidade; século XIX.

PENSAR FORA DO EIXO

ABSTRACT

The history of the city in Brazil and the chronological framework of the 19th century are the key points guiding this article, which originated as an academic exercise carried out within the curricular component "History and Historiography of the Brazilian City," part of the Postgraduate Program in Architecture and Urbanism at Federal University of Paraíba (PPGAU-UFPB). This exercise aims to conduct a historiographical analysis of the outcomes from the Seminar on the History of the City and Urbanism (SHCU) between 1990 and 2024. Thus, this study has been developed with the objective of verifying to what extent the 19th century has been addressed in articles that compose the SHCU proceedings, considering a preliminary identification of gaps in the view of the Brazilian city within this chronological framework. Furthermore, it seeks to understand how the 19th century has been addressed, observing questions raised by the study of history such as: historical continuity, cause and change, historical unity, limits, time frames.

Keywords: *Historiography; history of the city; 19th century.*

RESUMEN

La historia de la ciudad en Brasil y el periodo histórico del siglo XIX son los puntos clave que orientan el presente artículo, cuyo origen fue un trabajo académico realizado en el marco de la asignatura «Historia e Historiografía de la Ciudad Brasileña», que forma parte del Programa de Posgrado en Arquitectura y Urbanismo de la Universidad Federal de Paraíba (PPGAU-UFPB). Dicho ejercicio tiene como objetivo realizar un análisis historiográfico de la producción del Seminario de Historia de la Ciudad y del Urbanismo (SHCU) entre 1990 y 2024. Como resultado, se elaboró el presente estudio, cuyo objetivo es verificar en qué medida se abordó el siglo XIX en los artículos que integran las actas del SHCU, teniendo en cuenta una identificación previa de las lagunas en la visión de la ciudad brasileña en ese periodo cronológico. Y, además, comprender cómo se ha abordado el siglo XIX, observando cuestiones planteadas por el estudio de la historia como: continuidad histórica, causa y cambio, unidad histórica, límites y recortes.

Palabras clave: *Historiografía; historia de la ciudad; siglo XIX.*

PENSAR FORA DO EIXO

INTRODUÇÃO

O presente artigo foi construído a partir de dados coletados e analisados no âmbito da disciplina “História e Historiografia da Cidade Brasileira” que integra o Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Paraíba (PPGAU-UFPB). Sendo assim, muitos discentes contribuíram de forma preliminar na sua construção, embora somente aqueles assinalados como os autores tenham de fato participado da elaboração deste texto.

Cabe, aqui, explicar a relação entre a referida disciplina e o artigo em pauta. Tal disciplina tem por objetivo explorar a historiografia e a construção do conhecimento sobre a cidade brasileira, identificando como esse objeto de estudo foi entendido e interpretado pelos pesquisadores - historiadores, geógrafos, arquitetos e urbanistas. Analisando autores, obras, métodos, fontes e linhas de investigação se percorre a historiografia seguindo uma linha do tempo, principiando nos anos 1950 e se estendendo até o presente.

Faz parte dessa disciplina realizar um exercício que consiste na análise de toda a produção gerada pelo “Seminário de História da Cidade e do Urbanismo” (SHCU). Optou-se por trabalhar com o SHCU pela representatividade que este tem enquanto fórum de debate sobre a história da cidade, ademais, por ser um verdadeiro meio de visibilidade das pesquisas realizadas tanto nos cursos de pós-graduação quanto por grupos de pesquisa que se dedicam à temática. É reconhecido que o Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, que teve sua primeira edição em 1990, estabeleceu-se como um evento bienal fundamental para a consolidação do campo de estudo da história da cidade no Brasil. Sua realização, ao longo de quase quatro décadas, sublinha seu papel na formação do discurso acadêmico sobre cidade e urbanismo no país, tendo uma contribuição significativa para o panorama intelectual dos estudos urbanos. Com grande participação do SHCU, foram estabelecidas redes de pesquisa e a história da cidade se legitimou no Brasil como uma disciplina especializada. Sem esse fórum contínuo, o campo, que antes de 1990 era marcado pela escassez de estudos, provavelmente não teria alcançado o mesmo nível de consolidação ou integração interdisciplinar.

Destaca Maria Stella Bresciani que:

Reconhecidamente, o tema urbano tem sido, entre os estudiosos das cidades brasileiras, objeto das pesquisas de geógrafos, arquitetos e urbanistas, sociólogos, economistas e, mais recentemente, de antropólogos e historiadores. É importante notar que somente na década de 1980, uma área temática específica sobre Cidades ganha definição precisa como linha de pesquisa em programas de pós-graduação

PENSAR FORA DO EIXO

na universidade brasileira, dando lugar à formação de grupos de pesquisadores e estimulando os estudos urbanos nos domínios da historiografia. (Bresciani, in. Freitas, 2018, p. 243).

Justificada a opção por trabalhar com a produção proveniente do SHCU, cabe expor a metodologia utilizada no referido exercício da disciplina do PPGAU-UFPB, uma vez que a abordagem proposta para este artigo resultou das reflexões geradas em sala de aula. Para a realização do exercício, a produção de artigos do SHCU é dividida por décadas e, a cada bloco estudado, o objetivo é identificar as abordagens seja quanto à predominância, diversidade, lacunas nos estudos, havendo, ao final, um debate onde são confrontados os resultados e proposições das quase quatro décadas de pesquisas sobre a história da cidade no Brasil, levando os discentes a perceberem os caminhos que já foram trilhados e aqueles que se abrem como perspectivas para novas investigações.

Essa atividade é norteada por uma série de pontos pré definidos, cuja proposta é identificar mudanças e permanências nos seguintes quesitos: 1) abordagens dos estudos - sanitarismo, modernização, reforma urbana, pensamento urbanístico, habitação, imagem da cidade, morfologia, território, paisagem, patrimônio, cotidiano, atuação profissional etc; 2) recorte espacial - regiões privilegiadas e aquelas pouco trabalhadas, cidades que a princípio são apenas os grandes centros, havendo uma progressiva dispersão dos estudos para cidades de médio e pequeno porte; as mudanças nas escalas trabalhadas indo do macro ao micro; e 3) recorte temporal - séculos e décadas mais contempladas com estudos e aquelas pouco investigadas. Ademais, é investigada a formação de campos e grupos de pesquisa, o indicativo de novas abordagens e de novos rumos para as investigações futuras.

Como resultado do exercício obtemos: 1) uma categorização temática: identificação de eixos dominantes e emergentes em cada década; 2) um mapeamento espaço-temporal: distribuição geográfica dos estudos e recortes cronológicos, vazios regionais e temporais; 3) Análise de objetos de estudo: avanços e lacunas nas abordagens e objetos de estudo (infraestrutura, habitação, cultura material, entre outros); 4) uma avaliação metodológica: inovações técnicas (SIG histórico, fontes digitais, etc.) e interdisciplinaridade.

Foi a partir desse exercício – repetido em diversos semestres letivos –, que se percebeu a lacuna de artigos que tratam o século XIX como prioridade em suas investigações. Surgiu, assim, a intenção de investigar como este recorte temporal foi trabalhado nas pesquisas sobre história da cidade brasileira, ao longo de quase quarenta anos, utilizando como referência a produção do Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. Com isso, o objetivo do presente artigo é verificar

PENSAR FORA DO EIXO

em que medida o século XIX comparece entre os artigos que integram os anais do SHCU, entre 1990 e 2024. E, além disso, como foi trabalhado: tratado como tempo específico das investigações? Enquanto antecedente para contextualizar objetos de estudo? Ou integrando longos recortes temporais? Como isso tem ocorrido?

Considerando ser impossível trabalhar neste artigo com tantos anos de produção no âmbito do SHCU, fez-se a opção de definir uma amostragem, de certo modo aleatória, mas justificável. Se decidiu apresentar os resultados obtidos na análise de um dos seminários realizados em cada década de existência do SHCU, sendo assim selecionados os anais dos eventos de 1990, 2002, 2010 e 2021, cuja escolha procuramos explicar a seguir.

Foi em 1990 que tudo começou, com o primeiro seminário, realizado em Salvador, sob a organização dos professores da UFBA, Ana Fernandes e Marco Aurélio A. de Filgueiras Gomes. Afirmaram Pinheiro e Gomes (2005, p. 20) que esse primeiro evento ocorreu “como resposta à importância que a história estava assumindo na reflexão sobre a cidade, o urbano e o urbanismo”, lembrando ainda que, na época, o “campo de trabalho era ainda pouco explorado pelos arquitetos”. Após a segunda edição do SHCU, realizada também em Salvador, em 1992, “decidiu-se que o mesmo passaria a circular por outros centros, sob a organização de diferentes Programas de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo”, o que de fato ocorreu.

Para representar a primeira década do século XXI, optou-se por analisar o Seminário de 2002, pois este teve por proposta fazer um balanço da produção resultante do SHCU, enquanto o primeiro evento da centúria, que ocorreu em Natal (RN) em 2000, foi uma edição comemorativa, com um recorte temático mais específico, para marcar os quinhentos anos do descobrimento do Brasil e a produção de “Cinco séculos de cidade no Brasil”.

Portanto, a especificidade do SHCU de 2000 nos levou a optar por escolher o evento de 2002, para representar tal década, pois teve:

(...) a proposta de realizar um balanço da experiência brasileira na última década, buscando proceder a uma reflexão sobre a contribuição da história para as teorias urbanas e urbanísticas e para as práticas de intervenção, sem, contudo, perder de vista a perspectiva internacional e o diálogo com o conhecimento histórico produzido em outros países. (Pinheiro e Gomes, 2005, p. 21).

Atendendo a esse direcionamento, o XI SHCU, realizado em Vitória, em 2010, foi estruturado a partir da proposição de pensar “A construção da cidade e do urbanismo: ideias têm lugar?”, instigando a avançar com as necessárias reflexões que alimentam o campo de pesquisa. Por fim,

PENSAR FORA DO EIXO

em 2020 deveria ter-se comemorado os trinta anos de realização do SHCU. No entanto, a pandemia do COVID 19 fez com que o 16º Seminário só ocorresse em 2021, tendo por proposta fazer uma “Atualização crítica” sobre os estudos da história da cidade e do urbanismo. Os coordenadores executivos do evento assim introduziram o caráter dele, que foi mais um momento para o balanço da produção e da afirmação desse campo de pesquisa. Disseram:

Passadas três décadas, surgem algumas indagações: quais seriam as questões teóricas e metodológicas que, com toda a experiência acumulada em pesquisas, interpretações e narrativas históricas das cidades e do urbanismo no país, guiariam uma atualização crítica desse campo de conhecimento? Quais seriam os temas, problemas, teorias, metodologias, sujeitos e redes envolvidas nesse processo de construção intelectual da história do pensamento urbanístico entendido como uma problemática contemporânea em suas diversas abrangências? Como os diferentes campos de pesquisa sobre as cidades, a partir dos limiares entre os campos da Arquitetura, do Urbanismo e da História, têm produzido experiências multi ou transdisciplinares? Quais as dimensões presentes na construção de nosso campo de debates relativas às experiências e culturas urbanas cotidianas, às coletividades, aos saberes tradicionais, aos silenciamentos, às questões étnico-raciais e de gênero? (Anais [do] XVI Seminário de História da Cidade e do Urbanismo)

Nesta citação, fica claro o alargamento do olhar sobre a história da cidade que, na década de 1990, predominantemente, estava direcionado para “os estudos sobre modernização urbana, na primeira metade do século XX” (Pinheiro e Gomes, 2005, p. 29) e, atualmente, abarca questões relativas ao cotidiano urbano, aos saberes tradicionais e aos silenciamentos da história. Observando toda essa trajetória das pesquisas, percebemos a lacuna dos estudos relativos à cidade brasileira do século XIX, fato que nos levou a avaliar como ela foi abordada pelos investigadores.

1 TEMPOS E RECORTES TEMPORAIS NA HISTORIOGRAFIA DA CIDADE

Uma vez que nos propomos a trabalhar com a produção científica no campo da história da cidade brasileira, em um tempo determinado – o século XIX, cabe buscar referências que pautem a forma como o tempo tem sido tratado nesse campo de estudo. Como lembra Marina Waisman (2013, p. 63), “(...) os fios que aparentemente percorrem de forma contínua a história são construções historiográficas”.

Para dominar a difícil dimensão do tempo, diz Marina Waisman (2013, p. 57) que “Desde o surgimento da consciência histórica tentou-se distinguir períodos, dar-lhes um significado, descobrir um papel no devir histórico”. Ao passo em que o estudo da história requer não perder de vista o “contínuo histórico”, se faz necessário também, “definir unidades” que permitam situar os objetos analisados em contextos mais claramente delimitados, possibilitando “sua compreensão, ao mesmo

PENSAR FORA DO EIXO

tempo em que seja possível a relação desse conjunto maior com a totalidade da história” (idem). Essas unidades históricas são construções que o historiador realiza e podem ser assim definidas:

As unidades históricas são definidas, na verdade, pelo historiador, mas devem ter um sentido, uma justificação (...) A definição de uma unidade histórica se baseia em uma série de características alcançadas para diferenciá-la nitidamente de outras; e, por outro lado, seus limites terão que fixar-se nos momentos - mais ou menos precisos - em que possam ser detectadas as mudanças e as coisas que as provocaram. O conceito de causa e o conceito de mudança estão na base da determinação de uma periodização. (Waisman, 2013, p. 58).

Assim, o grande problema posto para a análise histórica não é mais saber os caminhos das continuidades; “o problema não é mais a tradição e o rastro, mas o recorte e o limite; não é mais o fundamento que se perpetua, e sim as transformações que valem como duração e renovação dos fundamentos” (Foucault, 2008, p.06). Essa nova forma de história se pauta na periodização, isto é, na tentativa de isolar unidades com que nos relacionamos, definindo conceitos que permitam avaliar a descontinuidade. Diante disso, é relevante associar essa proposta metodológica das “unidades históricas” àquelas ideias postas por Michel Foucault (2008) em *A Arqueologia do Saber*, quando trata de substituir a “construção de continuidades” na historiografia pela “análise das articulações, dos pontos de flexão” que permitem definir as “unidades históricas” e parecem melhor contribuir para a compreensão da história (Waisman, 2013, p. 64).

Waisman também considera ser útil aplicar ao campo de estudo da história da arquitetura e da cidade, as categorias que Fernand Braudel transferiu da história econômica para os estudos históricos, as quais tratam da “diferença de duração dos fenômenos históricos”. Essas diferentes durações são assim categorizadas: há os fatos pontuais que são os fenômenos de curta duração, mas que podem reverberar por mais tempo, alcançando uma média duração; e os fenômenos de longa duração, estes “quase invisíveis ao olho do historiador, por sua permanência secular” (Marina Waisman, 2013, p. 71). Segundo a autora, essas durações podem ser assim associadas nos estudos da história da arquitetura e da cidade: a curta duração, corresponderia a estudos biográficos ou se adequaria à duração de obras e projetos; “a média duração, história conjuntural com ciclos de dez a cinquenta anos, corresponderia à produção de um arquiteto”, por exemplo; “a longa duração, que Braudel chama história estrutural, corresponderia à história urbana (...)” (Marina Waisman, 2013, p. 71).

Com base nesses recursos metodológicos postos pelos autores, iremos procurar identificar como o século XIX vem comparecendo nos estudos sobre a história da cidade brasileira, por meio da produção resultante do SHCU. Dessa análise emergem inquietações que orientam este texto, tais

PENSAR FORA DO EIXO

como: Há abordagens que indicam ser o século XIX tratado como “continuidade histórica” de processos de longa duração? Ou foram definidas unidades historiográficas para estudos de curta e média duração, balizados por “pontos de flexão”, que marcam o início da formação de novos códigos? (Waisman, 2013, p. 58).

Portanto, investigamos se, na historiografia da cidade brasileira o século XIX foi tratado pelos autores como continuidade ou unidade, se foi possível definir limites, pontos de flexão, articulações, formação de códigos que delimitaram recortes temporais para estudos específicos dentro da centúria. Há estudos de longa duração, onde o século XIX aparece como parte de um processo que extrapola essa centúria? Quais sejam estudos de evolução e/ou formação urbana, formação de pensamento urbanístico. Ou os oitocentos foram objeto de estudos de curta e média duração? Como projetos de modernização, planos urbanos e intervenções urbanas. São estas as questões que serão tratadas a partir daqui, partindo da observação preliminar de que, no SHCU, os estudos sobre o século XIX ainda são incipientes, diante da quantidade daqueles que adotam outros recortes temporais ou tratam as últimas décadas do século XIX apenas como um tempo de transição ou contraponto para as mudanças ocorridas nas cidade brasileiras no início do século XX.

2 ANALISANDO A PRODUÇÃO DO SHCU REFERENTE AO SÉCULO XIX

2.1 SHCU 1990: o primeiro seminário

Na primeira década dos Seminários de História da Cidade e do Urbanismo (SHCU), na década de 1990, consolidou-se o que denominamos como uma fase inicial da produção historiográfica apresentada nesses encontros. Nos anais do SHCU de 1990 se observa que os estudos sobre o século XIX nas produções acadêmicas, embora presentes, ainda eram incipientes frente aos estudos dedicados ao século XX, perfil este que irá prevalecer durante toda a década. Ao analisarmos em perspectiva de abrangência cronológica e diversidade temática, percebemos uma nítida preferência por recortes temporais centrados nas últimas décadas do século, em especial no período do Segundo Reinado (1840–1889), frequentemente articulado à transição para o século XX e à chamada “modernização” das cidades brasileiras, nos poucos estudos.

Nesse primeiro ciclo de análises, as cidades são lidas, majoritariamente, como projetos do Estado com ênfase na institucionalização do espaço urbano e nas intervenções de caráter técnico, higienista e simbólico. O paradigma dominante era o da história oficial, com foco em reformas urbanas promovidas pelo poder público e agentes urbanos. Esse enfoque revela a influência de

PENSAR FORA DO EIXO

uma matriz historiográfica clássica, que privilegia a cidade visível, formal e planejada, tratando o espaço como resultado de decisões institucionais e de uma lógica racional, muitas vezes desconsiderando a complexidade social e os sujeitos ordinários da vida urbana.

Os temas predominantes nesses estudos giravam em torno da produção do espaço urbano, do pensamento urbanístico, das transformações e das intervenções urbanísticas “haussmanianas” nas capitais e centros urbanos do Sudeste, sobretudo Rio de Janeiro e São Paulo. É importante reforçar que muitas pesquisas tinham a recorrente presença do ideário higienista e sanitarista. O trinômio sanear, circular e embelezar foi explorado por muitos autores para justificar as mudanças no meio urbano, a exemplo de uma parcela dos trabalhos que exploraram os projetos de urbanísticos desenvolvidos por engenheiros sanitaristas, como Saturnino de Brito. A edição incluía ainda a presença significativa de trabalhos de cunho mais teóricos que exploraram a própria historiografia o que indica um momento de instituição da temática e da própria história da cidade enquanto campo de investigação.

As fontes documentais privilegiadas eram, em sua maioria, planos diretores, plantas oficiais, registros técnicos e relatórios administrativos, ou seja, documentos oriundos das esferas governamentais. Essas fontes apontam para uma história ainda construída a partir de um olhar marcadamente positivista, na qual agentes como engenheiros, prefeitos, governadores e o próprio Estado aparecem como protagonistas das reformas urbanas. Trata-se de um momento em que a historiografia ainda não incorporava, de forma mais sistemática, sujeitos marginalizados que também participavam da construção da cidade. Apesar do avanço representado pela criação do seminário, esse período ainda se caracteriza pela centralidade de fontes oficiais. Esse quadro, no entanto, passa por transformações ao longo dos anos, à medida que se amplia o repertório documental e se diversificam as abordagens historiográficas.

Essa abordagem gerou importantes contribuições para a genealogia das cidades brasileiras, além da compreensão das políticas urbanas, do planejamento e da gestão das cidades. Contudo, essa abordagem de orientação mais convencional restringia o horizonte interpretativo aos centros urbanos do Sudeste e aos processos de institucionalização do espaço urbano, deixando à margem outras dinâmicas da vida cotidiana, tais como as relações de gênero, as desigualdades sociais, periferias, vilas operárias, comunidades negras, indígenas, bem como as narrativas não hegemônicas.

Tabela 1. Anais do I SHCU - 1990.

PENSAR FORA DO EIXO

Eixo Temático	Temas e Objetos	XIX
Estado	Pensamento urbanístico/ História da cidade	03
	Espaço urbano / Transformações urbanas	03
	Modernização	-
	Habitação	-
	Representação / Imagem da cidade	-
Lugar	Pensamento urbanístico/ História da cidade	-
	Espaço urbano / Transformações urbanas	01
	Modernização	-
	Habitação	-
	Representação / Imagem da cidade	01
Tempo	Pensamento urbanístico/ História da cidade	03
	Espaço urbano / Transformações urbanas	-
	Modernização	-
	Habitação	-
	Representação / Imagem da cidade	-

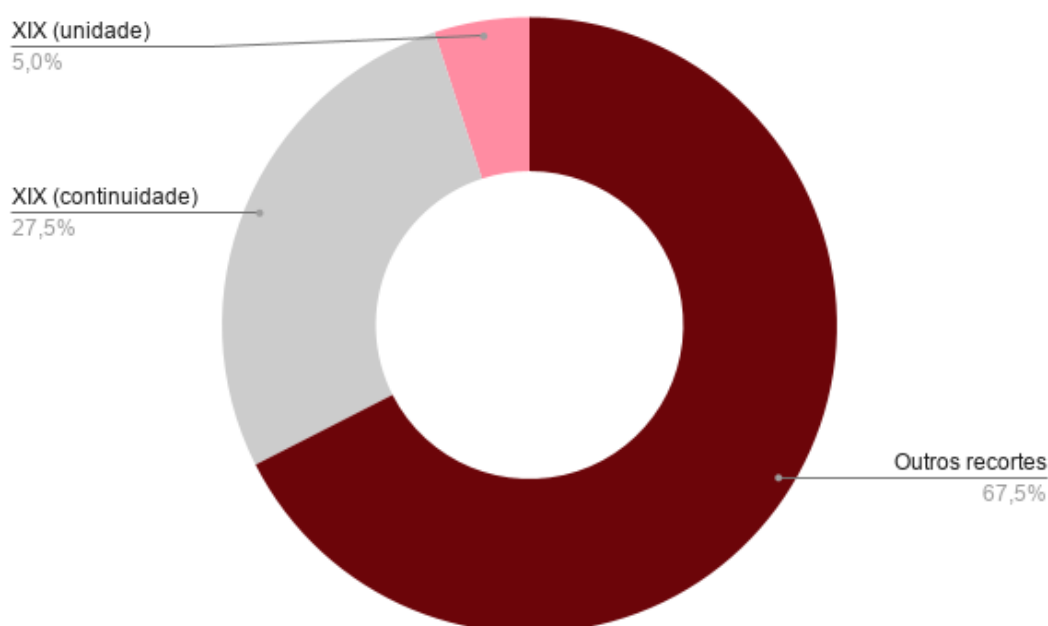
Fonte: Autores (2026).

Ao se observar a predominância da temática da modernização, reforma e saneamento das cidades, desenha-se uma narrativa estruturada pela transição da cidade colonial para a cidade moderna, sendo o século XIX ora interpretado como ponto de oposição à cidade moderna desejada, ora como momento de reorganização técnica e administrativa, em que se delineiam os fundamentos do urbanismo.

PENSAR FORA DO EIXO

Entre os 31 textos publicados nos anais do SHCU de 1990 (27 artigos e 4 textos-comentário), 11 abrangem o século XIX como recorte temporal (Figura 1), sendo que, desse conjunto, apenas 2 o assumem diretamente como delimitação específica. Os demais trabalhos tangenciam o século XIX ou o articulam ao século XX, o que evidencia a relevância dos oitocentos nas discussões e pesquisas daquele momento, embora a abordagem proposta pelos autores indiquem haver mais uma continuidade histórica, e não a existência de limites e mudanças que provoquem um recorte e o estudo do século XIX como unidade histórica (Tabela 1).

Figura 1. Recortes temporais no I SHCU - 1990.



Fonte: Autores (2026).

O SHCU de 1990, portanto, é marcado pela constituição de um espaço específico de discussão sobre a história da cidade, no qual o século XIX comparece de forma ainda tímida, figurando sobretudo como contexto ou momento de transição para a abordagem da modernização, um traço que parece se prolongar nas edições posteriores. Além disso, outro aspecto que chama a atenção é a prevalência de uma racionalidade técnico-institucional articulada com um fazer tradicional da historiografia. Um cenário que será tensionado e problematizado nas décadas seguintes, por meio de abordagens que buscaram desconstruir narrativas canônicas e fazer emergir outras temáticas, perspectivas e paradigmas.

2.2 SHCU 2002: um balanço da produção

PENSAR FORA DO EIXO

O VII SHCU, realizado em 2002, retorna a Salvador doze anos após sua primeira edição, assumindo também um caráter de balanço da produção no período. Nesta edição, observa-se uma ampliação significativa dos recortes espaciais, com um deslocamento do eixo centro-sul para outras regiões do país, o que contribui para diversificar e expandir as análises no campo da história da cidade, incorporando múltiplas escalas e processos urbanos.

No que se refere às temáticas, percebe-se certa continuidade em relação a 1990, ainda que com maior adensamento e diversificação. Embora o VII SHCU não tenha se estruturado formalmente em eixos temáticos, é possível identificar campos recorrentes ao longo desses doze anos de realização do seminário. Ao lado da consolidação de eixos como História da Cidade, Pensamento Urbanístico, Modernização e Habitação, emergem com maior força novas linhas de discussão, como as questões de Gênero, as problemáticas identitárias (Minorias) e a própria formação do Campo Disciplinar (Tabela 2).

A ampliação temática observada no VII SHCU acompanha um movimento mais amplo de transformação no campo da história da cidade, marcado pela renovação de objetos, pela diversificação das fontes e pela incorporação de novas abordagens metodológicas. À medida que o campo se afastava de perspectivas mais centradas em narrativas hegemônicas e em agentes institucionais, passou a incorporar novos sujeitos, problemáticas e escalas de análise, o que repercutiu diretamente na agenda do SHCU. Nesse processo, uma história tradicionalmente construída “de cima”, a partir dos vencedores, passa a ser tensionada e revisada, abrindo espaço para leituras que privilegiam as experiências, práticas e vozes dos grupos marginalizados. Essa ampliação não se restringe a absorção e reelaboração de novos objetos, dela decorre também a abertura para outras temporalidades até então pouco exploradas.

Tabela 2. Anais do VII SHCU - 2002

PENSAR FORA DO EIXO

Eixo Temático	Temas e Objetos	XIX
História, Teoria e Historiografia	Pensamento urbanístico/ História da cidade	05
	Espaço urbano / Transformações urbanas	03
	Modernização	01
	Habitação	-
	Representação / Imagem da cidade	05
	Gênero	-
	Campo Disciplinar	01
	Minoria	01
Modernização	Pensamento urbanístico/ História da cidade	-
	Espaço urbano / Transformações urbanas	02
	Modernização	-
	Habitação	-
	Representação / Imagem da cidade	-
	Gênero	-
	Campo Disciplinar	-
Moradia	Pensamento urbanístico/ História da cidade	-
	Espaço urbano / Transformações urbanas	-
	Modernização	-
	Habitação	01
	Representação / Imagem da cidade	-

PENSAR FORA DO EIXO

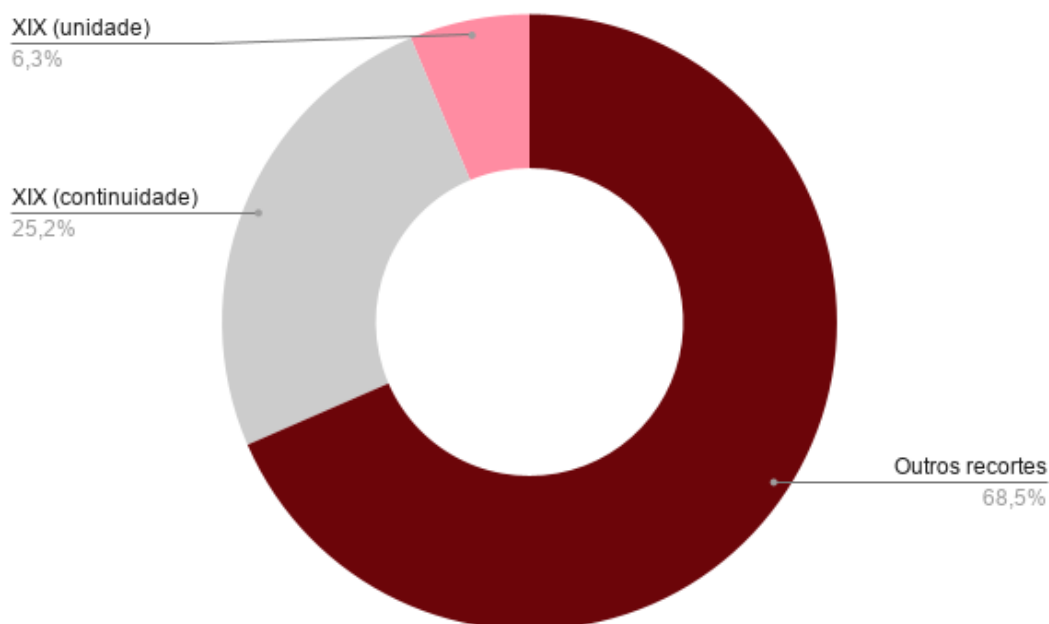
Eixo Temático	Temas e Objetos	XIX
	Gênero	-
	Campo Disciplinar	-
Urbanismo	Pensamento urbanístico/ História da cidade	03
	Espaço urbano / Transformações urbanas	05
	Modernização	01
	Habitação	-
	Representação / Imagem da cidade	-
	Gênero	-
	Campo Disciplinar	-

Fonte: Autores, 2026.

Mesmo que se constate uma ampliação expressiva dos recortes, tanto no plano espacial quanto no temporal, a presença do século XIX no seminário ainda se mostra pouco expressiva. Se considerarmos, ademais, que raramente é tomado como foco em si - enquanto temporalidade relevante à análise -, sua incidência torna-se ainda mais residual. Observa-se que, dos 76 trabalhos apresentados, apenas 28 incluíram o século XIX em seu recorte de análise; destes, somente 7 o tomam especificamente como delimitação temporal central (Figura 2).

Figura 2. Recortes temporais no VII SHCU - 2002.

PENSAR FORA DO EIXO



Fonte: Autores (2026).

Ao analisarmos os Anais do SHCU, chama a atenção o fato de que diversas edições do Seminário não se estruturam formalmente em Sessões Temáticas nem apresentam um título geral, como ocorre no caso do VII SHCU (2002). Mediante a pesquisa para a confecção deste artigo, não foi possível determinar se tal característica decorre de uma questão editorial ou se, de fato, as conferências foram organizadas dessa maneira.

Outro aspecto digno de nota diz respeito à recorrência de trabalhos voltados à atuação no campo disciplinar, de arquitetos, engenheiros e planejadores urbanos, que se tornaram uma tendência consolidada ao longo da primeira década do Seminário. No entanto, no que se refere especificamente à VIIª edição, o que chama atenção é que todos os trabalhos cujo objeto é a atuação desses agentes, concentram-se na segunda metade do século XX.

Sem dúvida, há uma ampliação de objetos e temáticas, em grande medida impulsionada pelo alargamento do repertório documental e pela diversificação das abordagens interpretativas. Ainda assim, ao tratar o século XIX sobretudo como contexto ou suporte para a compreensão da modernização, nota-se uma espécie de imobilidade temporal, na qual as continuidades, supostamente, não são devidamente problematizadas. Tal operação acaba por reforçar, de maneira equivocada, uma percepção linear da história, concebida como uma sucessão de causas e consequências.

PENSAR FORA DO EIXO

Os trabalhos que tomam o século XIX como um recorte específico, isto é, aqueles em que a delimitação temporal se circunscreve a essa temporalidade, sem que ela opere apenas como suporte contextual para recortes mais amplos, todos se concentram na temática da História e da Historiografia. Tal constatação evidencia que as demais abordagens, sobretudo aquelas voltadas à Modernização ou à Moradia, não assumem esse século como um recorte temporal central.

De modo geral, esse século aparece menos como objeto de investigação em si e mais como suporte interpretativo para a compreensão dos processos de modernização, funcionando ora como contexto, ora como momento de transição para dinâmicas posteriores. Mesmo nos poucos casos em que constitui o recorte central, observa-se a ausência de uma problematização mais detida, sem que se configure como uma unidade temporal, dotada de especificidades próprias e passível de problematização autônoma.

2.3 SHCU 2010: ideias têm lugar?

O XI Seminário de história da cidade e do urbanismo - XI SHCU realizado na cidade de Vitória, capital do Espírito Santo em 2010, teve como tema geral “Construção da cidade e do urbanismo: ideias têm lugar?”. O evento foi estruturado em quatro sessões temáticas, sendo elas: 01. Processo de urbanização e novas formas de tecido urbano mais recentes manifestadas sobre diferentes territórios; 02. Construção do território e circulação de ideias; 03. Cronologia, historiografia e pensamento urbanístico; e 04. Urbanismo e Estado Autoritário: a transformação das cidades brasileiras.

Diferentemente das edições anteriores, marcadas pela predominância de temas mais pontuais, o XI SHCU evidencia a consolidação de eixos temáticos e o amadurecimento metodológico na historiografia da cidade. De modo geral, os trabalhos foram distribuídos entre as sessões temáticas supracitadas, subdivididas em mesas de discussão que, por sua vez, se dividiram em grupos de pesquisadores das mais diversas áreas (Quadro 1). Esses grupos abrangeram contribuições que iam desde reflexões e processos formativos no campo do urbanismo até temas mais diretamente relacionados à circulação, habitação, gestão urbana e patrimônio nas cidades brasileiras. Destacaram-se, também, mesas temáticas sobre urbanização colonial, cartografias históricas, cultura urbana, territórios e processos contemporâneos, além de abordagens voltadas às fronteiras teóricas e aos estudos comparativos.

PENSAR FORA DO EIXO

Já entre os temas mais abordados nos estudos sobre o século XIX, destacam-se as análises das legislações urbanísticas, tendo como principais objetos de estudo as peças técnicas e os códigos de posturas, em continuidade a uma tendência observada nos seminários realizados desde os anos 2000. A história da cidade e os processos de produção do espaço também foram relevantes, com estudos voltados ao cotidiano urbano e ao pensamento urbanístico, bem como à circulação de ideias e à atuação de urbanistas, com olhares atentos às trajetórias de arquitetos, engenheiros e técnicos vinculados a companhias e repartições públicas, como é possível observar no quadro a seguir.

Quadro 1. Eixos temáticos por sessão temática - XI SHCU - 2010.

PENSAR FORA DO EIXO

Sessões Temáticas	Eixos temáticos/mesas temáticas	XIX
Sessão Temática 01. Processo de Urbanização e Novas Formas de Tecido Urbano mais Recentes Manifestadas sobre Diferentes Territórios	1. Urbanismo: diretrizes e instrumentos;	-
	2. Urbanismo: ideias, teoria e história;	-
	3. O pensamento e atuação de urbanistas;	01
	4. O urbanismo e a circulação de ideias;	01
	5. Urbanismo: ideias em revistas e seminários;	01
	6. Formação do urbanismo e constituição do pensamento urbanístico.	-
Sessão Temática 2. Construção do território e circulação de ideias	1. Urbanismo, circulação e desenho urbano;	-
	2. Habitação: políticas, projetos e intervenções;	-
	3. Cidades novas: agentes, funções e processos;	01
	4. O governo da cidade: administração, intervenção e legislação;	03
	5. Campi Universitários e Espaços Cívicos: debates e propostas;	01
	6. A cidade do século XX: embates entre projetos e forma urbana;	-
	7. Patrimônio histórico: constituição e intervenção;	01
	8. Organização do território e forma urbana no século XVIII.	-
Sessão Temática 3. Cronologia, Historiografia e Pensamento Urbanístico;	1. Urbanização colonial e cartografias históricas;	02
	2. Cidade, história e territórios;	02
	3. Cenografias e imaginários urbanos;	-
	4. Cultura urbana e territórios populares;	-
	5. Arquitetura e cidade: produção e preservação;	-
	6. Territórios industriais e representações sociais;	01

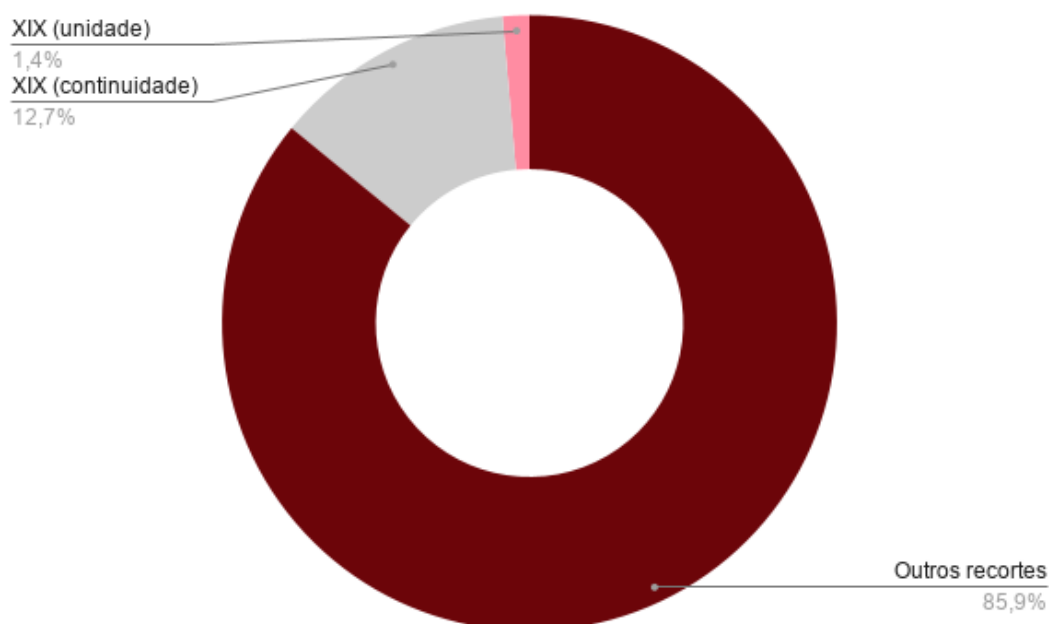
PENSAR FORA DO EIXO

Sessões Temáticas	Eixos temáticos/mesas temáticas	XIX
	7. Cidade, história e patrimonialização.	-
Sessão Temática 4. Urbanismo e Estado Autoritário: A Transformação das Cidades Brasileiras.	1. Fronteiras: teóricas, simbólicas e sociais;	-
	2. Estudos comparativos; reais e imaginários;	01
	3. Processos de produção de espaços contemporâneos.	01

Fonte: Autores (2026).

A distribuição dos recortes temporais no XI SHCU evidencia a predominância dos estudos centrados no século XX, que se consolida como campo privilegiado para a análise das transformações urbanas, da formação de discursos profissionais e das disputas em torno do espaço da cidade. Ao todo, foram aceitos aproximadamente 140 trabalhos, dos quais apenas 20 (14,3%) apresentaram algum recorte no século XIX (Figura 3).

Figura 3. Recortes temporais no XIº SHCU - 2010.



Fonte: Autores (2026).

Nota-se que os estudos voltados à cidade no século XIX permanecem incipientes. Seguindo a tendência observada nos anos anteriormente analisados, a maioria dos trabalhos aborda o século XIX inserido em um recorte temporal mais amplo, como àqueles que compreendem dois ou mais

PENSAR FORA DO EIXO

séculos de estudo, ou como um período de transição para o século XX. Ou seja, a historiografia da cidade brasileira no século XIX, identificada no XI SHCU, foi tratada pelos autores, em sua maioria, como continuidade histórica, mas em duas perspectivas distintas: a primeira como uma espécie de transição, na tentativa de compreender períodos históricos mais curtos e subsequentes ao século XIX, ou seja, como uma transição para estudos do século XX; e a segunda inserida em recortes mais amplos, que muitas vezes atravessam séculos de análise.

Em contramão a essas tendências de transição e ampliação, apenas dois artigos concentram-se exclusivamente no estudo do século XIX, sendo eles “Um Interlúdio Progressista: a Repartição das Obras Públicas da Província de Pernambuco Organizada Segundo o Sistema do *Corps des Ponts et Chaussées* (1842-1846)” e “A cidade das três portinhas’ Arquitetura, cidade e colonização portuguesa na visão de Manuel de Araújo PortoAlegre (1806-1879)”. Como é possível perceber, ambos estão situados na primeira metade do século XIX, especificamente nos intervalos de 1842 a 1846 e 1806 a 1879, respectivamente. Tais recortes podem ser compreendidos como unidades de estudo, uma vez que as discussões e contribuições estão centradas exclusivamente na cidade brasileira do século XIX (Tabela 3).

Tabela 3. Quantitativo de trabalhos 16º SHCU - Recortes temporais.

Sessões Temáticas	Século XIX	Outros recortes temporais	Total de trabalhos
Sessão Temática 01. Processo de Urbanização e Novas Formas de Tecido Urbano mais Recentes Manifestadas sobre Diferentes Territórios	03	22	25
Sessão Temática 2. Construção do território e circulação de ideias	06	26	32
Sessão Temática 3. Cronologia, Historiografia e Pensamento Urbanístico;	05	23	28
Sessão Temática 4. Urbanismo e Estado Autoritário: A Transformação das Cidades Brasileiras.	02	11	13
Painéis	04	42	46

Fonte: Autores (2026).

PENSAR FORA DO EIXO

Os recortes espaciais mostram-se variados, não se concentrando apenas em grandes cidades das regiões Sul e Sudeste, com a presença de estudos voltados também para outros centros urbanos no Nordeste brasileiro. Por outro lado, observa-se a ausência de trabalhos dedicados a cidades da região Norte.

2.4 SHCU em 2021: 30 anos e novas perspectivas para o estudo do século XIX

A edição de 2021 do Seminário de História da Cidade e do Urbanismo (SHCU) marcou um momento especial na trajetória do evento ao celebrar seus 30 anos de realização, configurando-se como a 16ª edição do encontro. Consolidado como um importante espaço de debate acadêmico no campo dos estudos urbanos no Brasil, como mostra o trecho a seguir:

Bienalmente realizado desde 1990, o SHCU encontra-se a caminho de sua décima sexta edição em 2021, caracterizado por equacionar, divulgar e estimular a construção da historiografia da cidade e do urbanismo no âmbito dos diversos programas de pós-graduação. Mediante trocas disciplinares profícuas por mais de trinta anos, acolhendo contribuições de campos de conhecimentos diversos – Arquitetura e Urbanismo, a História, a Geografia, a Sociologia, a Antropologia etc. – o SHCU é o mais importante fórum de debates, difusão, trocas no campo da história urbana entre pesquisadores, programas de pós-graduação e prática profissional (Anais do XVI Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, 2021, p. 6).

O seminário foi estruturado a partir de quatro eixos temáticos que orientaram as contribuições apresentadas. O Quadro 4, a seguir, permite compreender as discussões propostas em cada eixo temático e a quantidade de trabalhos que, de alguma maneira, dialogam com o século XIX, seja de forma contínua ou como uma unidade. Os estudos, embora ainda incipientes, já se apresentam em maior número em relação aos seminários de 2002 e 2010.

Quadro 2. Eixos temáticos por sessão temática - XVI SHCU - 2021.

PENSAR FORA DO EIXO

Sessões Temáticas	Discussão	XIX
Sessão Temática 01. Processo de Urbanização e Novas Formas de Tecido Urbano mais Recentes Manifestadas sobre Diferentes Territórios	Dedicou-se à reflexão sobre questões teórico-metodológicas, abordando problemas, teorias, metodologias, atores, redes intelectuais e regimes de historicidade que permeiam a produção do conhecimento sobre as cidades.	07
Sessão Temática 2. História, Urbanismo e outros campos do conhecimento sobre as cidades	Destacou as abordagens multi, inter e transdisciplinares, valorizando também os saberes tradicionais e a dimensão da experiência urbana cotidiana.	09
Sessão Temática 3. Escritas da História Urbana	Voltou-se aos modos de narrar e produzir a história das cidades, contemplando diferentes temporalidades, silenciamentos e práticas historiográficas, como a história oral, a história comparada e conectada, relatos, testemunhos, literatura e biografias.	03
Sessão Temática 4. Cidades, Memórias e Arquivos	Concentrou-se na análise das fontes e dos vestígios que permitem compreender a construção histórica das cidades, abrangendo documentos, materialidades, patrimônios, cartografias, iconografias e outras formas de registro e memória urbana.	14

Fonte: Autores (2026).

A divisão em eixos temáticos abriu espaço para uma maior variedade de temas e objetos de estudo. Assim como no seminário anterior, houve uma ampliação e ressignificação dos modos de narração e das práticas historiográficas relacionadas às cidades. Diferentes fontes documentais vêm sendo utilizadas, abrindo espaço para novas interpretações históricas, a exemplo da literatura, da música e da pintura, entre outros. Além disso, observa-se uma ampliação na incorporação da ótica de grupos não hegemônicos, com destaque para questões étnico-raciais e de gênero. No entanto, ao analisar apenas os trabalhos sobre o século XIX, isso já não se mostra tão expressivo. Como aponta Fania Fridman:

Não é que o modo de pensar a história da cidade e do urbanismo tenha mudado nesses 30 anos. Claro, avançou metodologicamente, os dados coletados foram da maior importância, as fontes que foram descobertas [...] eu não sei dizer se a forma de fazer história mudou. Eu acho que novos temas, novas fontes, novas perguntas e mais: eu acho que a realidade, também, ela te empurra. (Fridman, 2021, 30 Anos do SHCU – Atualização Crítica).

Observa-se a riqueza em contar a história da cidade a partir de outras perspectivas, explorando uma diversidade de objetos, a exemplo de estudos morfológicos, normativos, representacionais e cotidianos, entre tantos outros, assim como fontes documentais ainda pouco acessadas ou valorizadas. No entanto, os temas relacionados ao sanitário, às transformações urbanas, às ferrovias e ao patrimônio industrial continuam a se destacar, permanecendo como temáticas centrais de investigação e debate.

PENSAR FORA DO EIXO

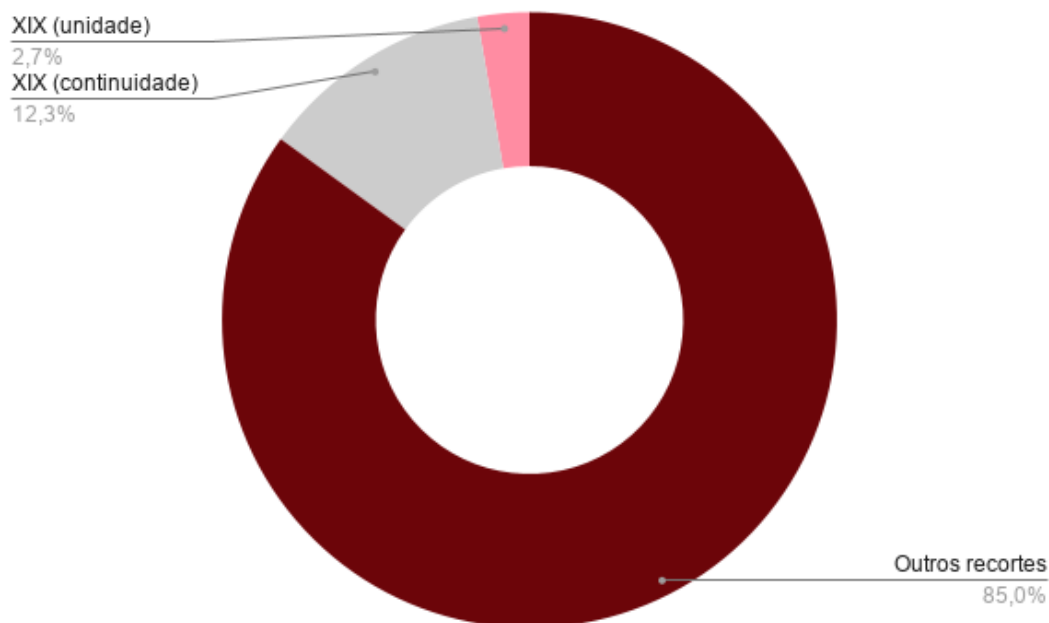
Seguindo a tendência identificada nos encontros realizados na década anterior, é evidente que os estudos sobre a cidade no século XIX seguem incipientes, correspondendo a 15,4% dos trabalhos submetidos ao seminário (Tabela 4). No entanto, é possível perceber um número crescente de trabalhos, quando comparado aos eventos das décadas anteriores analisados anteriormente, que tenham exclusivamente o século XIX ambientando os estudos.

Tabela 4. Quantitativo de trabalhos 16º SHCU - 2021.

Eixos Temáticos	Século XIX	Outros recortes temporais	Total de trabalhos
Eixo Temático 1. Historiografia e Pensamento Urbanístico	7	30	37
Eixo Temático 2. História, Urbanismo e outros campos do conhecimento sobre as cidades	9	57	66
Eixo Temático 3. Escritas da História Urbana	3	34	37
Eixo Temático 4. Cidades, Memórias e Arquivos	14	60	74

Fonte: Autores (2026).

Figura 4. Recortes temporais no XVI SHCU - 2021.



Fonte: Autores (2026).

PENSAR FORA DO EIXO

Além disso, embora ainda em menor número, é possível notar o crescimento de estudos com recortes temporais focados na investigação e compreensão da primeira metade do século XIX. Contudo, é importante destacar que, de maneira geral, a grande maioria dos estudos ainda apresenta a característica de continuidade histórica, como visto no seminário anterior, sendo o estudo da cidade no século XIX um ponto de passagem para a análise das transformações ocorridas no século XX ou como parte de uma leitura mais ampla da historiografia brasileira, abrangendo diferentes períodos históricos em um mesmo trabalho (Figura 4).

No que se refere aos recortes espaciais, ainda há um predomínio para estudos sobre cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, embora seja possível observar outras cidades, tais como Belém/PA, Fortaleza/CE, Natal/RN, Salvador/BA, Rosário/RS e até mesmo cidades médias e pequenas como Mossoró/RN e Patos/PB. Essa abordagem expande o olhar sobre a cidade, permitindo a reconstrução de narrativas mais plurais, sensíveis às experiências e memórias muitas vezes invisibilizadas nos estudos urbanos tradicionais. Trata-se de um olhar contra-hegemônico sobre o século XIX, que propõe uma reinterpretação crítica das dinâmicas urbanas e das suas representações.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na busca por investigar a história das cidades brasileiras oitocentistas, este trabalho tomou como referência a produção do Seminário de História da Cidade e do Urbanismo ao longo de quase quatro décadas (1990–2024). O objetivo foi compreender de que maneira o século XIX se faz presente nos artigos que compõem os anais do SHCU nesse período, com especial atenção às edições de 1990, 2002, 2010 e 2021. Buscou-se sintetizar como este recorte foi trabalhado ao longo das edições, e, ademais, se foi tratado como tempo específico ou se integrou longos períodos. Sob essa perspectiva, o período supracitado é pouco abordado nos Seminários de História da Cidade e do Urbanismo analisados. No âmbito do SHCU, os estudos dedicados ao século XIX ainda são pouco expressivos, sobretudo quando comparados àqueles que privilegiam outros recortes temporais, sobretudo o século XX.

Como já apontado ao longo deste artigo, o século XIX é, em geral, mobilizado como antecedente destinado à contextualização dos objetos de estudo. Ele aparece mais como dispositivo de análise do que como objeto efetivamente examinado. Na tentativa de verificar se é possível definir limites, pontos de flexão, articulações e formação de códigos nos estudos do XIX, percebe-se que os historiadores ainda não interpretam como um conjunto claramente delimitado ou que demande uma

PENSAR FORA DO EIXO

exegese mais acurada. Cabe lembrar que, os tempos definidos por Braudel pulverizaram não apenas a relação do historiador com o tempo, mas, pôs em xeque a percepção da história enquanto causa e consequência. A noção de tempo, que antes era quase imóvel, passou a se mover, e a história preocupada apenas em fazer aparecer as discontinuidades, as rupturas e as mudanças, passou a se desenhar em torno de temporalidades mais flexíveis. Um movimento aparentemente contrário ao delineado pelos trabalhos analisados, que na tentativa de elaborar uma chave de continuidade histórica, apresentaram duas perspectivas distintas:

A primeira (1) como ponto de passagem, em que a cidade oitocentista é compreendida como etapa de transição para as transformações ocorridas no século XX; e a segunda (2) como parte de uma contextualização mais ampla da historiografia brasileira, integrando recortes temporais mais extensos. Aplicando a categorização de Waisman (2013, p.71) para a História da Cidade, na primeira perspectiva, a cidade do século XIX constitui objeto de estudos de curta e média duração, com ênfase em projetos de modernização, planos urbanos e intervenções específicas. Já na segunda, o século XIX insere-se em análises de longa duração, nas quais aparece como parte de processos que extrapolam o período, como os estudos sobre a evolução e/ou formação urbana, formação de rede urbana e a constituição do pensamento urbanístico.

São raros os casos em que esse período é tratado como um tempo específico de investigação, isto é, como uma unidade histórica. Nesse sentido, mostrou-se desafiador situar os objetos analisados em recortes mais delimitados, bem como compreender suas articulações e relações com o período de análise proposto. Ao todo, foram analisados 510 trabalhos, distribuídos entre os quatro seminários. Desses, apenas 75 apresentavam recortes que ao menos tangenciam o século XIX. Ao aprofundar a análise, verificou-se que somente 16 trabalhos abordavam o século XIX como uma unidade histórica, isto é, adotavam esse período como recorte exclusivo (1990: 2 trabalhos; 2002: 6 trabalhos; 2010: 2 trabalhos; 2021: 6 trabalhos). A análise dos anais do SHCU permitiu sintetizar e sistematizar a produção historiográfica a respeito do século XIX nesse espaço de discussões. Ademais, a contribuição da disciplina do PPGAU-UFPB ultrapassa a mera constituição de um referencial teórico e o amadurecimento acadêmico, ao promover também a construção de uma perspectiva crítica acerca da historiografia das cidades brasileiras.

À medida em que se analisou como o século XIX compareceu ao longo dessas quatro décadas do SHCU, tornou-se inequívoca a necessidade de certo distanciamento, de dar “tempo ao tempo” como se fosse preciso deixar decantar a superfície da água após um vigoroso golpe de vento. Muitas

PENSAR FORA DO EIXO

vezes, o endurecimento do tempo nos leva a interpretá-lo como um legado ou fardo a supor, e não como um rasgo temporal incessante como deveria ser compreendido. Afinal, as delimitações temporais tendem a fazer desaparecer a própria natureza da história, que se assemelha com um riacho que corre sem início nem fim, refazendo suas margens ininterruptamente.

REFERÊNCIAS

Anais [do] I Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, Novembro 1990. - Salvador: UFBA, 1990/ Organização Ana Fernandes Marco Aurélio A. de F. Gomes. Disponível em: <http://xvishcu.arq.ufba.br/anais-i-shcu/>

Anais [do] VII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, 2002. - Salvador: UFBA, 2002/ Organização Ana Cristina Souza, Elyane Lins Correia, Eloísa Petti Pinheiro, Marco Aurélio A. de Filgueiras Gomes. Disponível em: <http://xvishcu.arq.ufba.br/anais-vii-shcu/>

Anais [do] XI Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, 05 a 08 de outubro de 2010. - Vitória: UFBA, 2002/ Disponível em: <http://xvishcu.arq.ufba.br/anais-xi-shcu/>

Anais [do] XVI Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, 15-18 Junho 2021. - Salvador: UFBA, 2021 / Organização Dilton Lopes de Almeida Júnior, Fábio Macedo Velame, José Carlos Huapaya Espinoza. Disponível em: <http://xvishcu.arq.ufba.br/anais-xi-shcu/>

FREITAS, Marcos Cezar (Org.). **Historiografia brasileira em perspectiva**. 7ª edição. São Paulo: Contexto, 2018.

BRESCIANI, Maria Stella. **História e Historiografia das Cidades, um Percorso**. in. FREITAS, Marcos Cezar (Org.). **Historiografia brasileira em perspectiva**. 7ª edição. São Paulo: Contexto, 2018. p. 237-270.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. 7ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

PINHEIRO, Eloísa Petti; GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras. **Retraçando Percursos: o papel dos seminários de História da Cidade e do Urbanismo na constituição de um campo de estudos**. In: PINHEIRO, Eloísa Petti; GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras (org.). **A cidade como história: os arquitetos e a historiografia da cidade e do urbanismo**. Salvador: EDUFBA, 2004. p. 19-42.

WAISMAN, Marina. **O interior da história**. São Paulo: Perspectiva, 2013.